

OS TRÊS CAVALHEIROS²

Juarez Leitão

Quando, pelos anos 20 do século passado, surgiu na França a revista “Analles”, elaborada por um grupo de historiadores rebeldes, via-se que o propósito editorial da nova publicação era desmitificar os heróis da História, para, em seu lugar, ser proclamado que a História é uma realização coletiva, um empenhimento de todos os homens e de todas as mulheres, sem nome, sem cor, sem traços pessoais. Um concerto múltiplo e diverso das multidões anônimas semeadoras dos gestos rotineiros em todos os espaços do planeta.

A nova concepção foi amplamente divulgada no Ocidente e passou a orientar os rumos da Ciência Histórica nos currículos das escolas e universidades.

Embora não se possa negar que a História é uma grande renda plural, tecida todos os dias pelas mãos da raça humana desde que ela se entendeu como portadora e manejadora da razão, também não seria possível deixar de ressaltar os expoentes da espécie. Os que, pela graça de Deus ou caprichos do destino, se distinguiram em seu tempo vital, marcando sua passagem pelo velho planeta por relevos de qualidade e a privilegiada condição de se graduar acima da possível mediocridade amorfa e incolor de seu tempo e de sua geração.

Will Durant defende que devemos respeitar e aplaudir as belezas do mundo, a fauna rica e a flora exuberante, as águas caindo e subindo pelo processo da evaporação e precipitação das chuvas, os ventos encrespando os mares e sibilando nas frondes das árvores, a luz se anunciando e se escondendo na montanha azul, nas alvoradas e nos crepúsculos... Tudo muito belo, misterioso e extasiante.

Mas não devemos ficar reverentes apenas diante do extasio da contemplação da natureza. Nossa admiração mais veemente deve ser diante do maior de todos os milagres, que é o SER HUMANO. E dentre os humanos, reverenciar as personalidades magníficas, os luminares, distinguíveis pela melhor aplicação da inteligência, pela educação que souberam assimilar, pela decência indiscutível, pelo que criaram em favor da arte, da literatura e da ciência; pelo que lutaram em prol do desenvolvimento e das melhorias sociais; pela capaci-

2 Discurso pronunciado no auditório do Centro Cultural Oboé no dia 30/10/2007

dade de decifrar seu tempo e entender os habitantes de seu tempo; pelo dom esplêndido da perfeita convivência.

Esta cidade tem homens assim. E hoje lembrará a luminosa existência de três deles, que, cumprindo a inexorabilidade dos ciclos da vida, nos deixaram discretamente. Saíram em silêncio, sem alarde e sem tragédia, como convém à classe dos civilizados, à corrente fidalga dos que foram educados falando baixo, agradecendo e pedindo licença.

Não estaremos aqui para lastimar em choro alto a desventura de não ter mais a suas presenças vivas entre nós: Queremos antes, nesta noite de agudas saudades, celebrar suas vidas e agradecer aos céus a graça sem tamanho de ter repartido com eles pedaços de nossas próprias vidas que, na sua convivência, ganharam luzes, cores e outros acréscimos benfazejos.

Para sentar à mesa memorial desta homenagem convidamos MANUEL EDUARDO PINHEIRO CAMPOS, MARCELO CARACAS LINHARES E SALOMÃO PINHEIRO MAIA.

Fortaleza um dia, como fazemos neste instante, convidou-os para o abraço generoso de sua benquerença e eles, os três cavalheiros, acudiram presurosos, todos três chapéus à mão.

Eram homens de olhos claros, passos firmes e distinta elegância. Os três, de cabelos alourados e roupas sempre bem talhadas, exerciam a cortesia e os gestos de cerimônia com naturalidade e convicção.

Formados em Direito pela nossa venerável Faculdade da Praça da Bandeira, não se dedicaram propriamente à advocacia, optando por alternativas profissionais diferentes, em caminhos que foram da comunicação aos negócios bancários e cambiais, passando pela política e a administração pública e privada.

O primeiro cavalheiro - que chegou do antigo Distrito de Guaiúba, fatia do município de Pacatuba àquele tempo - se chamava **Manuel**, que em hebraico significa **Deus conosco**. E parecia, mesmo, por sua estatura e seu porte escandinavo, um deus olímpico nesta terra de alturas medianas. Um Apolo, de pronúncia teatral e numerosa versatilidade, radialista, jornalista, orador, homem de teatro, ator e autor, dramaturgo e comediógrafo, além de romancista, contista, ensaísta e historiador e, ainda, cenógrafo, pintor e desenhista. Quando Os Diários Associados dominavam a mídia nacional e Eduardo Campos era o seu comandante estadual, foi o homem mais poderoso do Ceará. Um poderoso humilde e elegante, que soube reinar sem arrogância ou desvario.

Reconhecido como uma das mentes mais brilhantes desta terra de sol forte e copiosos artistas, já na infância, leitor intimorato, devorou milhares de livros, costume obsessivamente mantido por toda a vida, e, no ofício de criador literário, escreveu 72 obras, do resgate de costumes à culinária nordestina. Menino órfão teve duas mães e dois pais, sendo alvo de multiplicada ternura e, certamente, desatada paparicação dos familiares. Gigantesco, para o padrão biológico cearense, repito, foi paradoxalmente agraciado com um apelido cativante, um diminutivo vindo da infância, de sonoridade afilada, a soar como uma gota de mel caída sobre o cristal: **Manuelito!**

Eduardo Campos seria um eterno menino grande, interessante, loquaz, cheio de humor, de verve acesa e memória afiada. Fabuloso contador de histórias, inquieto trabalhador intelectual, tomou como missão reconstituir a história não-oficial de Fortaleza, as cenas dos bastidores e do cotidiano desta sociedade, garimpando nos jornais de época e no cenário dos romances de costumes o que jazia inerte e esquecido, num trabalho de alta importância para a história verdadeira de nossa capital.

Eduardo Campos passou por aqui e pelas nossas vidas. Manuelito permanece.

O segundo cavalheiro nasceu no Boulevard Visconde do Rio Branco, na casa de número 722, nesta Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção; mas, afilhado da neblina, viveu a infância no clima lírico de Guaramiranga, na Fazenda Venezuela, herdade patriarcal da família Caracas. **Marcelo** era o seu nome, que em latim quer dizer **descendente de Marte**, o deus dos guerreiros.

A elegância, no sentido supremo da palavra, foi o esteio de sua existência. Adônico, por presente da natureza, e comedido por educação, manteve-se esguio e garboso a vida inteira. Elegante no porte, elegante na linguagem, elegante nos ofícios e nas funções públicas que exerceu, foi advogado do Banco do Brasil, secretário de Estado e membro do Congresso Nacional. Nas lides políticas, nas leituras e escrituras e no imenso latifúndio de amizades percorreu mar, céu e ares, como sugere o seu nome: Marcelo Linhares. Descendente, por um lado, dos cafeicultores do Maciço de Baturité, os Caracas, e, pelo outro lado, dos Linhares de Sobral, Baturité e Lavras da Mangabeira, afamados juristas, farmacêuticos, sacerdotes, políticos e intelectuais que orgulham o Ceará por seu desempenho; um deles, o Ministro José, alcançou a Presidência da República, atuando na transição da ditadura Vargas para a democracia.

Marcelo, caudatário de tão nobre linhagem, honrou e engrandeceu a herança clânica.

Dava gosto ver como esse homem fino e cavalheiresco cultivava a capacidade de ouvir os outros, com atenção e paciência, e, quando falava encantava pela serenidade, pelo conhecimento, pela maturidade das indicações, das sentenças e observações que proferia.

Marcelo Linhares passou por aqui e pelas nossas vidas. Marcelo permanece.

O terceiro cavalheiro veio da antiga São Bernardo das Russas, paróquia de Nossa Senhora do Rosário, na zona fisiográfica do sertão do Baixo Jaguaribe.

Chamava-se **Salomão**, que no hebraico quer dizer **homem pacífico**. O rei hebreu que teve esse nome celebrizou-se por sua sabedoria e por seu espírito de justiça. Salomão, o nosso, era portador destas e de muitas outras qualidades, destacando-se por sua gentileza e a acurada prática do donaire, uma marca natural de sua personalidade.

Houve um tempo que pensou em ser padre e, com esse intuito, estudou no Seminário da Prainha, afamada oficina de santos e sábios, muitos dos quais hoje ilustram as páginas da história cultural do país. Por aquele centenário casarão da Avenida D. Manuel com Monsenhor Tabosa passaram também Paula Ney, Capistrano de Abreu, Padre Cícero Romão, Dom Hélder Câmara e Austregésilo de Atahyde, dentre outros afamados.

O seminarista Salomão Pinheiro Maia desistiu do sacerdócio e virou aluno do Liceu, do CPOR e, na sequência de sua formação, acadêmico de Direito e da Faculdade de Filosofia, a antiga FAFICE, agora Universidade Estadual do Ceará.

Advogado e professor, mas inclinado para o jornalismo, exerceu destemida militância na imprensa do Ceará, atividade que, iniciada na Gazeta de Notícias, culminou com a fundação de “O Jornal”, uma das mais avançadas experiências editoriais do Brasil pelos meados do século passado. Nessa publicação, surgida por iniciativa dele e de seu irmão, o deputado federal Bonaparte P. Maia, fez-se uma verdadeira revolução gráfica no Ceará. O caráter inovador e independente de “O Jornal” foi responsável, no curso vertiginoso de sua trajetória, lamentavelmente curta, pela mais contundente e altiva expressão da opinião pública cearense e a formação de uma plêiade de profissionais do jornalismo do melhor quilate, nomes definitivos para os meios de comunicação deste Estado e do país.

Procurador autárquico do Instituto Nacional de Seguridade Social, INSS, foi Deputado Estadual, eleito pelo Partido Republicano Trabalhista, exercendo com brio o mandato na Legislatura 1959-1962.

Deixando a atividade política eleitoral, acalmou-se na planície existencial, dedicando-se a uma empresa de câmbio, às leituras e à produção literária.

Num trabalho de monge beneditino produziu durante sete anos um estudo minucioso e percuciente sobre os verbos do livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha, obra de repercussão nacional, considerada das mais importantes acerca da literatura euclidiana.

Sereno, cortês, abnegado, devotava-se de cuidados com a família e os amigos, todos cumulados de obséquios e das gentilezas de sua nobre alma e aristocrática figura humana. Um gentil-homem do modelo antigo, quando a vida seguia ritos afáveis e, com certeza, muito mais românticos.

Salomão Maia passou por aqui e pelas nossas vidas. Salomão permanece.

Senhoras e Senhores:

Houve um tempo em que esta cidade tinha a paz das pequenas aldeias. As ruas sem pressa, se espreguiçando indolentemente nas manhãs fagueiras e nas tardes singelas, tinham denominações românticas ou simplesmente curiosas. Era a Rua Formosa, Rua das Flores, Rua das Belas, Rua do Cajueiro, Rua da Glória, Rua da Palma, Travessa da Alegria, Corredor do Bispo, Rua dos Pocinhos, Travessa das Hortas, Ladeira da Conceição, Rua do Cotovelo ou Beco da Apertada Hora.

As pessoas trocavam cumprimentos de bons augúrios e também xícaras de pó-de-café, doces e manjares domésticos. Compadriavam-se, participavam da vida dos vizinhos, celebravam as alegrias pessoais e alheias e se acinzentavam diante da morte dos conhecidos. Rezavam antes de receber o alimento e ao ouvir os sinos vespertinos, ensinavam “mezinhas” e conversavam, conversavam muito, de preferência nas rodas de calçadas quando a boca da noite apaziguava as atitudes do dia.

Eram os anos 20 do século passado, o tempo pacífico em que nasceram Eduardo Campos, Marcelo Linhares e Salomão Pinheiro Maia.

Aqui eles cresceram. Fortaleza seria o palco fulgurante de sua peripécia humana. Amalgamando-se ao substrato atávico e à matéria social desta cidade, tornaram-se os três espectadores e protagonistas da comovedora e tantas vezes triste história desta terra nas oito décadas de suas vidas. Viram a “bela desposada do sol” formar-se e deformar-se, saindo da pacatez horizontal de suas ruas e praças açoitadas pelas brisas dos mares verdes de Alencar e nos murmúrios das amenidades para a selva de pedra vertical e sufocante, onde todos se recolhem em casulos de medo a ouvir os relatórios da barbárie que a cada dia se acentua e evolui assustadoramente.

Construíram, entretanto, em torno de suas agradáveis pessoas uma irradiação de simpatia e benquerença, passando a ser a referência primordial da boa prosa e de fascinante exercício da inteligência nos melhores espaços da cidade.

Onde quer que estivessem ali se iniciava o mundo, a vida se acendia e tudo se transformava numa nova e festiva emoção.

Mas, meus amigos, essas sementeiras de encantamento e sedução nunca podem ser feitas sem uma parceria amorosa.

O estado de felicidade em que viveram Eduardo Campos, Marcelo Linhares e Salomão Pinheiro Maia e que se irradiava ao ponto de provocar a inveja sadia e a admiração coletiva foi produzido pelo amor de suas mulheres.

Ao lado dos três ícones de nossa homenagem e, à altura deles, brilharam HELDINE CORTEZ CAMPOS, IRISMAR LINHARES e ALAIR GURGEL COSTA LIMA, companheiras proclamadamente imprescindíveis aos luminosos desempenhos humanos que estamos celebrando.

Fortaleza aplaudia esse amor altaneiro, amor definitivo. O verdadeiro amor-diamante. Porque, como os diamantes, essa espécie de amor é bela e rara, capaz de marcar todas as superfícies e de jamais se deixar arranhar.

E agora estamos reunidos, nesta noite de evocações, como disse antes, não para lamentar a morte, mas para aplaudir a vida.

A vida dos que passaram por aqui plantando sonhos e trescalando esperanças.

Conhecê-los, nos aproximar deles, conviver com eles nos absorvia e, mais do que nos regalar pela boa presença, nos conduzia ao desejo comovente de realizar o sonho do ideal humano da perfeita, harmoniosa e sublime relação entre os habitantes deste feroz planeta.

Não foram homens comuns, certamente. Distinguiam-se e ainda se distinguem na paisagem como as montanhas, que mesmo de sua distância azul, servem de referência e corrigem o roteiro dos que caminham pelas rudes e arriscadas estradas.

Mas não podemos recusar as leis poderosas da saudade. Ela está em seu altar, reinando suprema e exigindo incensos. Olha-nos, soberana e dominadora, acompanha-nos, nos vigia por todos os cantos.

E, aí nos resta, assim como faziam os antigos romanos no culto aos **manes**, seus deuses domésticos, nos curvamos à sua onipotência e lhe ofertamos a nossa oblação:

SENHORA DONA SAUDADE, RECEBEI NOSSA EMOÇÃO!